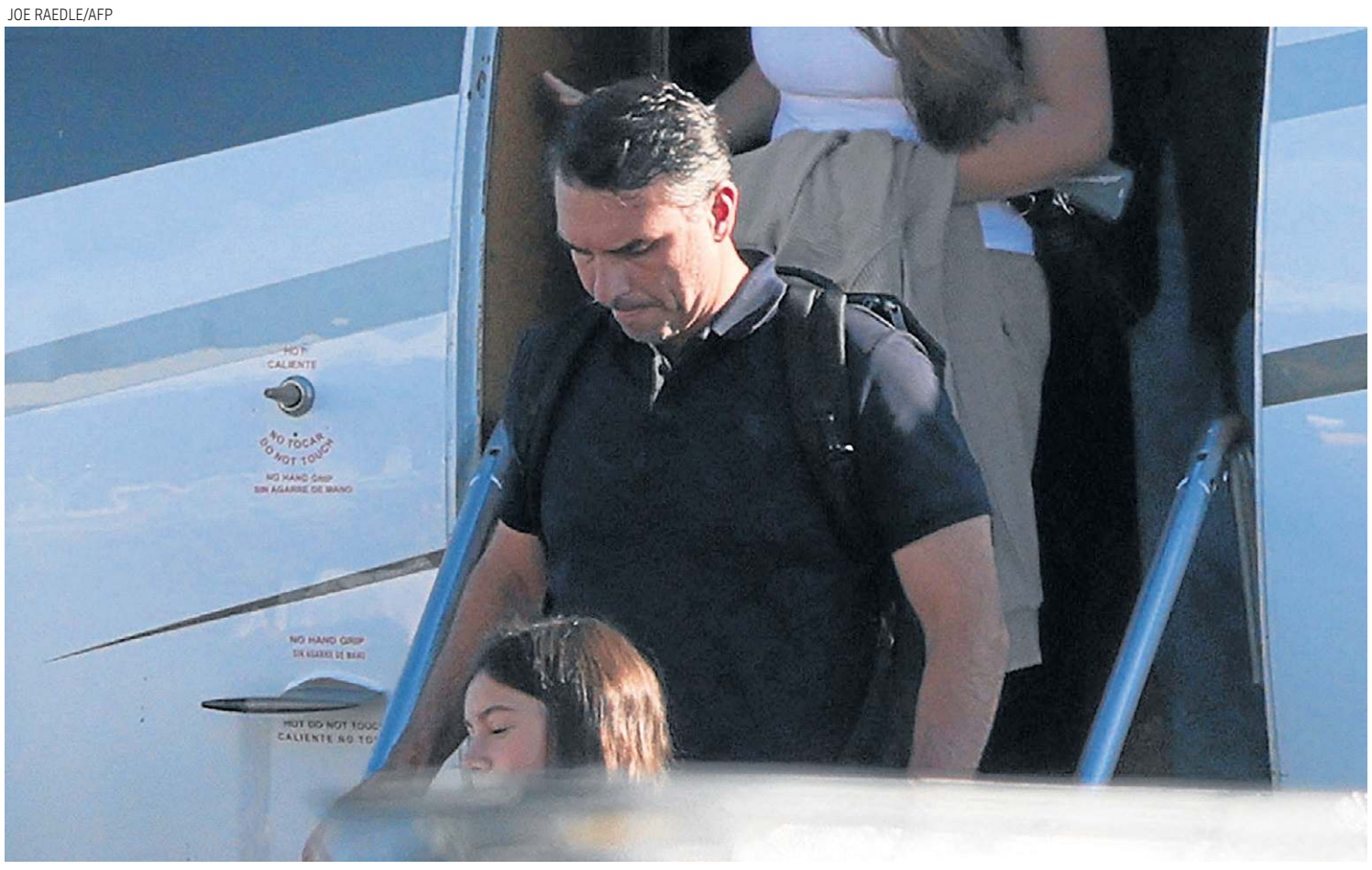
**PODER**

# Flávio teve ajuda dos EUA para fugir...

Jornal americano afirma que assessor de Trump providenciou o jato usado pelo senador para deixar o Brasil. Casa Branca, porém, irritou-se com carta golpista, ordenou alteração do texto e mandou candidato derrotado suspender entrevista

» RENATO SOUZA

JOE RAEDLE/AFP



**A ida de Flávio Bolsonaro para os Estados Unidos com a colaboração do governo americano provocou forte reação de opositores de Trump**

Candidato derrotado à Presidência, Flávio Bolsonaro (PL-RJ) teve ajuda da Casa Branca para fugir do Brasil, em meio a **dois inquéritos** que apuram suspeitas de envolvimento dele em crimes financeiros. De acordo com reportagem do jornal *New York Times*, para deixar o país, o senador usou um jato particular providenciado por Jason Miller, um funcionário da área de comunicação do governo dos Estados Unidos. O avião aguardava o parlamentar no Aeroporto Internacional de Puerto Iguazú, na Argentina. De lá, o voo partiu para o Equador, onde reabasteceu e seguiu para a América do Norte.

"O plano foi colocado em prática na segunda-feira, depois que o sr. (Flávio) Bolsonaro foi orientado a entregar seus passaportes, informou a fonte", destacou a reportagem do jornal norte-americano. Na segunda-feira, dia da fuga do parlamentar, o **Correio** adiantou que autoridades da Polícia Federal suspeitavam da participação de integrantes do governo dos Estados Unidos na fuga. Na ocasião, os investigadores ainda tentavam entender qual foi a rota utilizada pelo candidato derrotado para deixar o território nacional, mesmo estando impedido, pelo ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), de sair do país. Procurado pela reportagem, o Departamento de Estado ainda não se manifestou.

De acordo com o jornal americano, o deputado cassado Eduardo Bolsonaro — autoexilado nos Estados Unidos e condenado, no Brasil, por coação no curso do processo da trama golpista — procurou Miller assim que o irmão recebeu a intimação judicial. A partir desse contato, teria sido organizada a viagem que tirou Flávio do Brasil.

A Polícia Federal apura como Flávio se deslocou de Brasília até a fronteira com o território argentino. A avaliação é de que de carro não haveria tempo suficiente para realizar o trajeto. Uma das hipóteses é de que ele tenha usado um avião do advogado Willer Tomaz, que deixou a capital federal para a divisa com o país vizinho.

Horas após chegar à cidade localizada na Flórida, o candidato derrotado na eleição ao Palácio do Planalto divulgou uma carta de teor golpista se autodeclarando "presidente eleito do Brasil". "Eu sou o presidente eleito, e os criminosos que roubaram a eleição do Brasil são parte de uma organização criminosa que implementou uma tirania. Vocês que almejavam a mudança, não vou abandoná-los, eu serei a voz e a liderança livre da nossa nação", escreveu Flávio. Depois, pressionado pelo governo dos EUA, recuou e se disse "líder do Brasil" (**leia reportagem abaixo**).

A chegada do senador ao território norte-americano dever ser acompanhada de uma tentativa de estabelecer residência permanente no país. Uma fonte do governo dos EUA informou ao *NYT* que o parlamentar é aguardado para solicitar o green card, documento que permite a estrangeiros residir e trabalhar permanentemente no país.

Segundo o funcionário ouvido pela publicação, o pedido deverá receber tramitação acelerada, em um procedimento semelhante ao adotado para Eduardo, que também obteve autorização de residência permanente nos EUA.

Em condições habituais, a obtenção do green card pode ocorrer após a concessão de um visto de imigrante. No caso de Flávio, entretanto, a expectativa relatada ao jornal é de que o processo seja concluído de maneira mais rápida.

## Incômodo

A presença de Flávio nos EUA se tornou desconfortável para Trump. Ele não esperava uma reação tão forte de opositores, nem uma repercussão intensa na imprensa do país com a chegada do senador, auxiliada pela Casa Branca.

Em uma semana decisiva, por conta das eleições do meio de mandato, o republicano está sendo acusado, especialmente nas redes sociais, de ir contra sua própria política anti-imigração, principal bandeira de sua campanha eleitoral. Por conta disso, de acordo com interlocutores de Flávio, a ordem de Trump é para evitar grandes exposições, sobre risco de deportação.

O parlamentar tinha marcado uma coletiva de imprensa para ontem, em que falaria sobre liderar a oposição. No entanto, ante o incômodo de Trump, foi orientado a deixar a conversa para depois do resultado das eleições nos EUA. (**Colaborou Letícia Passos**)

### Processos no STF

Flávio é alvo de duas investigações que correm no Supremo. Uma delas apura suspeita de lavagem de dinheiro junto com Willer Tomaz e envolve apostas esportivas on-line. A outra está relacionada ao financiamento do filme Dark Horse, sobre a vida do ex-presidente Jair Bolsonaro, condenado a 27 anos de prisão por tentativa de golpe de Estado e outros crimes. Áudio mostra que Flávio pediu R$ 134 milhões ao dono do Banco Master, Daniel Vorcaro, para, supostamente, bancar o longa.

## Argentina se defende

O chefe de gabinete da Argentina, Diego Santilli, afirmou que a partida do senador brasileiro e candidato derrotado à Presidência Flávio Bolsonaro (PL) para os Estados Unidos, a partir do território argentino, foi possível porque ele estava com a documentação regular e não havia "impedimento da Interpol".

Flávio fugiu do Brasil após perder as eleições de domingo para o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), apesar de uma ordem judicial que o proibia de deixar o país devido a uma investigação por lavagem de dinheiro.

"Ele entrou com a documentação correspondente em ordem e acabou saindo de avião também nas mesmas condições", disse Santilli à imprensa durante um evento oficial em Rosário, ao norte de Buenos Aires. "Não havia impedimentos da Interpol", acrescentou.

Segundo veículos de imprensa argentinos, Flávio teria entrado no país com um passaporte italiano. Ele possui essa nacionalidade desde 2023.

Santilli evitou responder à pergunta sobre se Santiago Caputo, assessor do presidente Javier Milei, esteve no Aeroporto Internacional de Puerto Iguazú durante a entrada e a posterior saída de Flávio e de sua família, como apontou uma investigação do jornal *La Nación*.

Parlamentares da oposição apresentaram um pedido de convocação de Santilli e de outros integrantes do governo para exigir explicações sobre o papel da Argentina na fuga. Dos Estados Unidos, Flávio agradeceu a Milei "por sua coragem, seu senso de justiça e de legalidade".

A suposta assistência do governo argentino na fuga de Flávio agravou a crise diplomática entre os dois gigantes do Mercosul. Milei apoiou Flávio durante sua campanha presidencial e não se pronunciou sobre a reeleição de Lula.

## Intermediário

O voo de Flávio para fugir do Brasil foi contratado e pago por um intermediário do setor aeronáutico, por meio de uma conta nos Estados Unidos, afirmou, ontem, à Agência France Press o proprietário da companhia aérea.

"Fui contratado por um broker (intermediário) que conheço há 10 anos, que vende voos e mora nos Estados Unidos", disse o empresário argentino Luis Grande, proprietário da companhia Baires Fly, responsável pelo transporte do senador, em uma conversa telefônica de um apartamento que possui na Flórida.

Segundo Grande, esse intermediário, cuja identidade ele se recusou a revelar, transferiu um pagamento de US$ 150 mil (R$ 800 mil) de uma conta de sua empresa em um banco americano para um banco argentino.

O jornal *The New York Times* publicou nessa quinta-feira que o avião teria sido contratado por Jason Miller, assessor de Donald Trump. A Casa Branca não se pronunciou.

Grande afirmou que não conhece a pessoa que contratou o intermediário e que este lhe disse que também não a conhecia antes da operação.

# ... Mas Trump impôs limites ao senador

» ARMANDO HOLANDA

O governo de Donald Trump cobrou que o senador Flávio Bolsonaro (PL) recuasse da declaração em que se apresentou como o verdadeiro presidente eleito do Brasil, apesar da derrota para Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no segundo turno. A informação foi antecipada pela jornalista Marina Sanches, do UOL, e confirmada pelo **Correio** junto a um porta-voz do Departamento de Estado norte-americano.

A iniciativa ocorreu em meio a uma postura ambígua da administração republicana, que, embora demonstre desconforto com a declaração de Flávio, mantém críticas ao processo eleitoral brasileiro. Ontem, Trump voltou a questionar o resultado das urnas, mas sinalizou que pretende conversar com Lula.

Segundo o interlocutor ouvido pela reportagem, a declaração de Flávio provocou irritação entre integrantes da gestão norte-americana, sobretudo entre pessoas próximas ao próprio Trump. Nos bastidores, a avaliação é de que o senador extrapolou os limites ao reivindicar uma vitória eleitoral que não ocorreu. A postura foi considerada inaceitável por aliados do republicano, que sinalizaram a necessidade de uma retratação.

O incômodo ocorre apesar da proximidade política e ideológica entre a família Bolsonaro e setores do Partido Republicano, especialmente integrantes do movimento Make America Great Again (MAGA). A cobrança também evidencia os limites do apoio político concedido ao senador, que deixou o Brasil após a derrota eleitoral, em meio a investigações conduzidas pela Polícia Federal.

O desconforto, no entanto, não significa uma mudança de posição de Trump em relação às eleições brasileiras. Questionado ontem se pretende telefonar para Lula e parabenizá-lo pela vitória, o presidente norte-americano respondeu: "Vou conversar com ele, mas acho que a eleição foi uma vergonha no Brasil. Eu assisti. Não tomei partido, deixei acontecer. Fui solicitado a não tomar partido pelo atual presidente".

Kent Nishimura/AFP



**Trump voltou a questionar o resultado das eleições, mas sinalizou que pretende conversar com Lula**

Essa foi a quinta vez que o republicano comentou o resultado do segundo turno. Na segunda-feira, Trump já havia levantado suspeitas de fraude, sem apresentar provas, e criticado a prorrogação do horário de votação. Na ocasião, afirmou que gostava de Lula e mantinha uma boa relação com o petista, embora tenha questionado a condução do pleito. Desta vez, ao ser perguntado sobre quem considera o verdadeiro vencedor da disputa, evitou responder diretamente. Tampouco declarou reconhecer Flávio como presidente eleito.

A reação da administração Trump ocorre após Flávio divulgar uma carta dirigida ao povo brasileiro e à comunidade internacional na qual se autoproclama vencedor da eleição presidencial, acusa a Justiça Eleitoral de irregularidades e agradece ao presidente norte-americano pelo acolhimento nos Estados Unidos. O documento também faz referências ao presidente argentino, Javier Milei, outro aliado da família Bolsonaro. Embora Trump mantenha o discurso de desconfiança sobre o resultado das urnas, a cobrança para que Flávio retire a declaração sinaliza uma tentativa de estabelecer limites à atuação do senador em território norte-americano.